

NEGRINHA

Oscarina de Castro Silva Fontenele

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

Negrinha é um conto de Monteiro Lobato (1882-1948), escritor que se situa no momento de transição da literatura brasileira chamado Pré-Modernismo (1902-1922). Faz parte de um livro de título homônimo lançado em 1920. É um texto forte, controverso, com episódios de violência contra uma criança que inquietam o leitor despertando sentimentos de pena e revolta. Nas palavras do crítico literário Alceu Amoroso Lima, Monteiro se impõe “com toda a franqueza e a claridade da realidade posta a nu, sem maiores rodeios e preparativos”.

A história se passa após o momento histórico da abolição e tem como personagens de destaque uma Negrinha, descrita como “uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados”; e D. Inácia, “excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo no céu”.

Negrinha de tão órfã não tem nem nome, é chamada por esse apelido que revela toda a sua condição “feita gato sem dono, levada a pontapés”, “magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados”, “batiam-lhe sempre, por ação ou omissão”. “Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam” nas palavras irônicas de Lobato.

O conto é narrado em terceira pessoa, pode ser dividido em dois momentos: um inicial, no qual há a descrição franca e realista da rotina de maus-tratos e torturas sofridos por Negrinha, “o corpo de Negrinha era tatuado de sinais roxos, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivo. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço”. O leitor fica impactado com a crueldade dos

castigos; a exemplo do episódio do ovo quente: D. Inácia coloca um ovo fervendo na boca da Negrinha, que suporta sem gritar, pois a “excelente senhora” tampa lhe a boca.

Um segundo momento tem início com chegada à casa de D. Inácia de suas sobrinhas, figuras que abrem para a Negrinha uma consciência de se sentir gente que antes desconhecia. As sobrinhas representam tudo que Negrinha não tinha e nem era, “lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas”. Negrinha, por instante, ao ver a alegria delas, acredita que poderia brincar, mas logo é colocada no seu lugar de sempre. Recolhida ao seu mundo de exclusão pensa “Como seria bom brincar! refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco!” A visão da boneca, objeto nunca antes visto por ela, fez a pobre órfão perder o medo de castigos e pegar a boneca e brincar como as outras crianças. D. Inácia ao ver a cena permite. Para Negrinha “se a gratidão sorriu na vida, alguma vez, foi naquela surrada carinha...”

As férias terminaram, as sobrinhas partiram levando consigo a boneca e Negrinha transformada, já não se contenta em ser nada. “Enfraqueceu, definhou, como roída de invisível doença consuntora. E uma febre veio e a levou. Morreu..., abandonada de todos... em delírio rodeou-se de bonecas, todas louras, de olhos azuis”.

Para o leitor de nossa época, na qual o Estatuto da Criança e do Adolescente “dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente”, o conto é um relato de horror, tortura, crimes contra a personagem Negrinha. Uma situação inaceitável para nossos dias, por isso mesmo um texto carregado de possibilidades para desenvolver uma consciência crítica e reflexiva, representa uma leitura para jovens e adolescentes perceberem a atemporalidade do texto literário, que exige do leitor ressignificações à luz de sua época.

A leitura suscita ainda a indagação: trata-se de uma obra racista condenável ou de uma obra que retrata uma época, que pode nos ensinar muitas lições? O certo é que toda obra literária é fruto do poder de criação e de observação do autor e reflete seu tempo e disso não podemos esquecer, já que o contexto histórico é fator importante para o estudo e a compreensão de determinada obra. Assim, é preciso lembrar que toda e qualquer leitura que façamos deve considerar o contexto histórico da obra e a época em que vivemos para darmos uma interpretação e um juízo de valor. É possível que o conto **Negrinha** seja considerado por alguns inadequado para certo público, crianças, por exemplo. Dessa forma, seu conteúdo deve ser analisado com os olhos de hoje, considerando quando foi escrito, que retrato fez de sua época para a negação ou a aceitação dos fatos narrados pelo leitor contemporâneo.

Por essas razões, é extremamente relevante e oportuna a leitura deste conto por jovens, professores, pais por ser uma grande ilustração de um período no qual abusos e violências contra as pessoas em virtude de sua cor e/ou condição social eram tolerados e não punidos. Certamente, a obra cumpre um papel de levantar discussões e reflexões sobre o racismo, crimes contra crianças, estimulando no leitor atitudes de rejeição a essas condutas e denunciar, contribuindo para um enfrentamento desses problemas, que, infelizmente, ainda são recorrentes nos dias atuais.

Oscarina de Castro Silva Fontenele

Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. Uruçuí, Brasil. E-mail: fonteneleoscarina55@gmail.com